

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**ANÁLISE DO ENSINO-APRENDIZAGEM DO JUDÔ PARA CRIANÇAS EM
DIFERENTES LOCAIS DE PRÁTICA NA CIDADE DE FLORIANÓPOLIS**

LEOMAR LUIZ DE OLIVEIRA FLORES

FLORIANÓPOLIS

2016

LEOMAR LUIZ DE OLIVEIRA FLORES

**ANÁLISE DO ENSINO-APRENDIZAGEM DO JUDÔ PARA CRIANÇAS EM
DIFERENTES LOCAIS DE PRÁTICA NA CIDADE DE FLORIANÓPOLIS**

Trabalho de Conclusão de curso apresentado ao Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para a aprovação na disciplina de Seminário de conclusão de curso II.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Daniele Detanico

FLORIANÓPOLIS

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

O Trabalho de Conclusão de Curso: ANÁLISE DO ENSINO-APRENDIZAGEM DO
JUDÔ PARA CRIANÇAS EM DIFERENTES LOCAIS DE PRÁTICA NA CIDADE DE
FLORIANÓPOLIS

Elaborado por: Leomar Luiz de Oliveira Flores
foi aprovado por todos os membros da banca examinadora.

Banca examinadora:

Daniele Detanico

Prof^a. Dr^a. Daniele Detanico
Orientadora - CDS/UFSC

Prof^a. Dr^a. Juliana Pizani
Membro titular - CDS/UFSC

Prof. Rafael Lima Kons
Membro titular - CDS/UFSC

Profa. Marina Saldanha da Silva Athayde
Membro Suplente

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus por ter me dado à oportunidade de passar por esses momentos de alegrias, tristezas e superação.

Os principais agradecimentos vão para minha família, Lourdes e Jorge (meus pais) e Driele (minha noiva), por serem as pessoas que sempre estiveram ao meu lado em todas as etapas dessa longa caminhada. Gostaria de agradecer a todo o corpo docente do Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina. Especialmente a Profa. Dra. Daniele Detanico, com quem tive o imenso prazer de trabalhar nessa pesquisa, que possibilitou a aquisição de muito conhecimento.

Por fim quero agradecer a todos os amigos que direta ou indiretamente fizeram parte dessa caminhada longa e árdua, mas que valeu muito na minha vida.

Obrigado a todos!

RESUMO

O objetivo deste estudo foi analisar o processo de ensino-aprendizagem do judô para crianças matriculadas em uma academia e uma associação esportiva na cidade de Florianópolis. Mais especificamente, pretendeu-se identificar aspectos de estruturação e organização nas aulas de judô para crianças; identificar métodos e estilos de ensino utilizados pelos professores; e, verificar se e como os aspectos filosóficos do judô eram inseridos nas atividades das aulas. Foram analisadas 20 aulas de judô para crianças na faixa etária de 6 a 13 anos. As aulas foram observadas em dois locais da cidade de Florianópolis: uma academia e uma associação esportiva. A análise das aulas foi realizada a partir de uma matriz de observação sistemática não-participante, elencando aspectos de estruturação, organização, conteúdo, métodos e estilos de ensino-aprendizagem, e utilização dos aspectos filosóficos. Para a análise dos dados obtidos foi utilizada estatística descritiva, por meio de frequência simples, média e desvio-padrão. Os resultados obtidos a partir dos objetivos foram os seguintes: na primeira parte da aula (aquecimento) as atividades de amortecimento de quedas (*ukemis*) foram as mais frequentes nos dois locais. O tempo de aquecimento foi, em média, $22,4 \pm 5,6$ min nas duas turmas da associação esportiva e média de $9,2 \pm 3,6$ min na turma da academia. Na segunda parte da aula (principal), a atividade de *randori* foi a mais frequente nos dois locais. A duração da parte principal da aula foi em média de $31,0 \pm 3,9$ min na academia $31,0 \pm 5,5$ min na turma de 6-9 anos e $33,0 \pm 7,6$ min na aula de 10-12 anos na associação esportiva. A parte final foi destinada para a saudação final em ambos os locais pesquisados. Constatou-se que o método global e o estilo de ensino diretivo (comando) foram os mais frequentes nas aulas. Foi evidenciada a utilização dos aspectos filosóficos em duas aulas da academia e em quatro aulas na associação esportiva. Conclui-se que os aspectos de estruturação das aulas foram semelhantes nos dois locais pesquisados, evidenciado pelo treinamento das capacidades físicas e técnicas, amortecimentos de quedas (*ukemis*) e simulação de luta (*randori*). O método mais utilizado nas aulas dos dois locais de prática foi o global e o estilo de ensino foi o diretivo. Os aspectos filosóficos do judô estiveram presentes em algumas aulas nos dois locais de prática, entretanto, os professores tiveram dificuldade de contextualizar corretamente as ações da luta ou do cotidiano com os princípios e máximas, implicando em dificuldades por parte dos alunos em compreender o real significado e aplicação da filosofia do judô.

Palavras-chave: judô, ensino-aprendizagem, crianças.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
1.1 OBJETIVOS	9
1.1.1 Objetivo Geral.....	9
1.1.2 Objetivos Específicos	9
1.2 Justificativa.....	10
1.3 Delimitação do estudo	10
2 REVISÃO DE LITERATURA	11
2.1 ORIGEM DO JUDÔ.....	11
2.1.1 Bases filosóficas e religiosas do judô	14
2.2 MÉTODOS E ESTILOS DE ENSINO-APRENDIZAGEM NOS ESPORTES E NAS LUTAS	20
2.2.1 Objetivos educacionais no ensino do judô	24
2.3 INICIAÇÃO ESPORTIVA NOS ESPORTES	27
3 MATERIAIS E MÉTODOS	30
3.1 Caracterização da Pesquisa.....	30
3.2 Aulas de judô.....	30
3.3 Instrumento de coleta de dados.....	31
3.4 Coleta de dados	31
3.5 Análise dos dados	31
4. RESULTADOS	32
5. DISCUSSÃO	37
6. CONCLUSÕES	45
7. REFERÊNCIAS	47
8. APÊNDICE	52

1 INTRODUÇÃO

O judô foi criado por Jigoro Kano em 1882. Chegou ao Brasil por volta de 1920, e teve como principal precursor Mitsuyo Maeda. O judô no Brasil vem conquistando muita popularidade nas últimas décadas é o esporte individual que mais deu medalhas para o país nas Olimpíadas, sendo 19 medalhas no total. Diante deste destaque, cresceu o número de praticantes desta modalidade, sendo próximo de dois milhões de crianças e adultos (DA COSTA, 2006). Com isso, também cresceu o número de locais de prática, que vão desde escolas, projetos sociais, academias, clubes e associações esportivas. Cada local tem autonomia para desenvolver suas ações pedagógicas, propiciando o ensino-aprendizagem do judô para as diferentes faixas etárias, porém uma preocupação é entender como se apresentam os modelos de ensino do judô nesses contextos.

Inicialmente, para entender o modelo do judô atual, é importante abordar a sua história e analisar o quanto a pedagogia contemporânea coincide com os pressupostos do esporte (DEL VECCHIO; FRANCHINI, 2012). O judô é uma arte marcial de origem japonesa que surgiu no século XVII criada por Jigoro Kano com base no antigo ju-jutsu japonês, que era uma prática guerreira baseada na rapidez do corpo e do espírito, podendo ser traduzido por “técnica ou habilidade suave” (ju = suave; jutsu = técnica) (KANO, 2008).

Segundo Santos (2014), Jigoro Kano fez uma síntese das melhores técnicas, escolheu os golpes mais eficazes e mais racionais, eliminou as práticas perigosas e incompatíveis com o fim elevado que visava, além de desenvolver as técnicas de amortecimento de queda e criar a vestimenta especial para a prática (*judogi*). Desta forma, substitui o “*jutsu*” (técnica) por “*do*” (caminho), surgindo o “judô”, cujo significado é caminho ou via da suavidade. Essa nova arte marcial foi baseada em princípios filosóficos e educacionais que se preocupavam com o desenvolvimento integral do ser humano, o qual se sustenta em três esferas: a física (cuidados e fortalecimento do corpo), a intelectual (aquisição do conhecimento) e a moral (formação ética e moral) (CASADO; VILLAMÓN, 2009).

O judô é uma arte marcial rica em pressupostos filosóficos, históricos e educacionais que foi se popularizando pelo mundo. Esse é um aspecto positivo,

pois Kano queria atingir o máximo de pessoas possíveis, acreditando que o judô poderia contribuir para o desenvolvimento do indivíduo e sua ação positiva na sociedade (SANTOS, 2014). Porém, com o passar do tempo o judô foi sendo esportivizado e perdendo muito de sua ideologia. Santos (2006) relata que com a mudança que vem ocorrendo na prática do judô, futuramente terá se transformado em algo muito diferente do que foi idealizado. Além disso, Santos (2006) faz a diferenciação entre ser judoca e ser lutador de judô, pois o judoca compreende os ensinamentos de Jigoro Kano e o utiliza tanto no *dojo* (local de prática) quanto na sua vida em sociedade. O lutador de judô faz uso de seu conhecimento somente para competição. “O primeiro fica para sempre e o último é como todo atleta de esportes de competição tem vida útil limitada” (SANTOS, 2006, p. 5).

O judô propõe o desenvolvimento integral do praticante, usando a prática como um meio e não como um fim em si mesmo. No entanto, esse propósito parece ter se perdido ao longo das gerações e se transformando em apenas reprodução do conhecimento prático. Nesse contexto, o processo de ensino do judô, segundo Drigo et al. (2011), é baseado no modelo das “escolas de ofício”, no qual os aprendizes judocas aprendem essencialmente fazendo (saber fazer); há uma imagem valorizada do mestre e; as atividades práticas são consideradas tão formativas do caráter quanto os estudos formais. Quando as crianças, adolescentes ou adultos começam a competir há uma ênfase ainda maior no “saber fazer”, ou seja, no treinamento físico, técnico e tático, deixando de lado os pressupostos teóricos, que dão vida a essa arte marcial. O judô como elemento educacional pode ser aplicado tanto no ambiente escolar quanto em outros contextos, incluindo academias, clubes, associações esportivas entre outros. Visando competição ou não, o judô deve provocar um desenvolvimento integral dos seus participantes, sejam estes crianças, adolescentes ou adultos, pois o judô também trás muitos benefícios para saúde dos praticantes. Para isso, há muito para se discutir, pois o processo de ensino-aprendizagem-treinamento do judô ainda hoje é baseado nas escolas de ofício, na ênfase somente no “saber fazer” (DRIGO et al., 2011).

O processo de ensino-aprendizagem do judô demanda um conhecimento dos aspectos pedagógicos, organização e planejamento dos conteúdos. Segundo Breda et al. (2010), primeiramente é preciso definir quais são os objetivos da prática pedagógica, considerando, por exemplo, se as aulas são voltadas ao ensino

ou ao treinamento, se é iniciação esportiva ou grupos de treinamento especializados. Além disso, deve haver uma preocupação com a prática pedagógica das artes marciais também no treinamento, inclusive o de alto nível. Diante disso, deve-se respeitar as fases de iniciação esportiva, incluindo métodos e estilos de ensino que sejam compatíveis com cada faixa etária. Assim, no que diz respeito às crianças torna-se importante trabalhar uma metodologia adequada que possibilite um ensino-aprendizagem sem especialização precoce.

Com base nos pressupostos destacados sobre a ideologia do judô, seu valor educacional, a mudança que a prática desta arte marcial sofreu no passar dos anos e sua influência no processo de ensino-aprendizagem, surge à problemática deste estudo: Como se apresenta o processo de ensino-aprendizagem do judô para crianças em diferentes locais de prática da cidade de Florianópolis?

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo Geral

Analisar o processo de ensino-aprendizagem do judô para crianças matriculadas em uma academia e uma associação esportiva na cidade de Florianópolis.

1.1.2 Objetivos Específicos

- Identificar aspectos de estruturação e organização nas aulas de judô para crianças.
- Identificar os métodos e estilos de ensino utilizados pelos professores durante as aulas.
- Verificar se e como os aspectos filosóficos do judô eram inseridos nas atividades das aulas.

1.2 Justificativa

O que impulsionou a realização deste trabalho foi entender o judô em sua gênese, pressupostos filosóficos, educacionais e o processo de ensino-aprendizagem para crianças. Este estudo pretende contribuir com a comunidade científica, devido ao fato de haver poucas pesquisas com a temática do ensino do judô para crianças. A maior parte das pesquisas com o tema judô é realizada com objetivos voltados para aspectos de treinamento esportivo e com o intuito de contribuir para o desenvolvimento de atletas da modalidade (CORREIA; FRANCHINI, 2010). Existe uma lacuna no que se refere ao ensino do judô em diferentes contextos, sejam eles voltados a aspectos educacionais ou competitivos.

Diante deste quadro este estudo pode ser utilizado por professores, alunos e simpatizantes desta arte marcial, a fim de que possam entendê-la não somente no aspecto esportivo, mas conhecer as inspirações que a fizeram ser criada e o seu valor educacional. Além disso, espera-se que os profissionais que trabalham com o ensino das lutas, mais especificamente o judô, obtenham um diagnóstico de como é ensinado o judô em dois locais distintos (academia e associação esportiva), intentando de propor novas estratégias de ensino dentro de um modelo educacional, não enfatizando somente o esporte competitivo, mas o judô na sua essência.

1.3 Delimitação do estudo

Foram investigadas aulas de judô para crianças de 6-13 anos matriculadas em uma academia e uma associação esportiva na cidade de Florianópolis.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 ORIGEM DO JUDÔ

Para entendermos a criação do judô, falaremos do seu criador Jigoro Kano, nascido em Mikage, distrito de Hyogo no dia 28 de outubro de 1860, adivindo de uma família abastada. Pelo lado paterno (Jirosaku Maresiba Kano) era de uma família antiga com preceitos xintoístas e budistas. Pelo lado materno (Sadako) de uma família produtora de saquê. Sua mãe ensinava pressupostos confucionistas (SANTOS, 2014).

Segundo Virgílio (1986), Jigoro Kano era de baixa estatura, medindo 1,50 m, pesava cerca de 50 kg. Em 1869 após a morte de sua mãe Kano e o pai mudam para a capital do país. Já em 1873 Kano entra na escola Ikuei Gijuku, por sua estrutura física frágil ele era muitas vezes confrontado por alunos mais fortes. Quando criança Kano ouviu falar do Ju-jutsu, que era uma luta em que o mais fraco podia vencer o mais forte (SANTOS, 2014). Jigoro Kano desde então foi à procura de um professor de Ju-jutsu. Após muita procura Kano aos 17 anos encontra o seu primeiro professor, mestre Fukuda, da Escola do Coração do Salgueiro. Em 1879, com 82 anos Fukuda morre e Kano fica com seus arquivos e ensinamentos, em seguida torna-se aluno do mestre Iso, porém este também vem a falecer. Kano estuda todos os livros, arquivos e documentos dos seus mestres, mas mesmo assim busca um novo mestre, encontra Iikubo (CASADO; VILLAMÓN, 2009).

Jigoro Kano, ao estudar as artes marciais, mais especificamente o Ju-jutsu analisou os pontos fortes e fracos das diversas escolas, sintetizou os conteúdos adquiridos e cria um novo sistema de arte marcial, o judô. Kano percebeu que essa arte era mais compatível com a fase em que o Japão se encontrava, a era Meiji, na qual o país passava do sistema feudal para o sistema capitalista.

Segundo Santos (2009), Kano fez uma síntese das melhores técnicas do Ju-jutsu, escolheu os golpes mais eficazes e os mais racionais, eliminou as práticas perigosas e desenvolveu as técnicas de amortecimento de quedas, aperfeiçoando a maneira de cair. Além disso, criou uma vestimenta especial de treino (*judogi*), pois o

antigo traje do ju-jutsukas provocava frequentemente ferimentos. A partir disso, substitui o “jutsu” (técnica) por “do” (caminho), surgindo o “judô”, cujo significado é caminho ou via da suavidade (CASADO; VILLAMON, 2009; KANO, 2008).

Segundo Virgílio (1986, pag. 20), em 1882 Kano se forma na Universidade Imperial de Tokio, em Letras e Ciências Estéticas e Morais. No mesmo ano funda sua escola, a Kodokan, na qual pretendeu impulsionar um modelo de luta, mais esportiva, mais intuitiva, mais segura e sem segredos, para poder ser divulgada, e que todos pudessem usufruir, crianças e adultos. Consolidado no Japão Jigoro Kano divulgava sua arte para o mundo por meio de explicações, demonstrações práticas à elite ocidental que residia ou visitava o Japão. Entre 1889 e 1891, Jigoro Kano percorreu a Europa, divulgando sua arte e, entre 1902 e 1905, esteve na China (VIRGILIO, 1994). Alguns discípulos de Jigoro Kano também divulgaram o judô pelo mundo, em especial na América, inicialmente no EUA, e em seguida um desses discípulos chamado Mitsuyo Meada, conhecido como Conde de Coma se transfere para o Brasil (SANTOS, 2014).

Kano morre em quatro de maio de 1938, vítima de pneumonia a bordo de um navio (Mikawa Maru) em regresso de um encontro realizado no Cairo, Egito. Nesse encontro Kano consegue levar os jogos olímpicos para Tóquio, que aconteceria em 1940, em decorrência da segunda guerra mundial os jogos foram realizados em 1964 (SANTOS, 2009). O primeiro campeonato Europeu de judô ocorreu em 1951, em Paris, no qual fundou-se a Federação Internacional de judô, que teve como 1º presidente Risei Kano, filho de Jigoro Kano (VIRGILIO, 1994).

Segundo Virgílio (1994), há referências vagas de que a arte marcial já era ensinada por volta de 1903 no Brasil pelo professor Miura. Porém, foi por volta de 1920 que o país recebeu cerca de 190.000 imigrantes japoneses. Estes introduziram o judô no país, sendo que a maior difusão se deu nos estados de São Paulo e no Rio de Janeiro (SANTOS, 2014). Grandes nomes foram destaque como precursores do judô, porém Mitsuyo Maeda pode ser considerado o principal pioneiro do judô no Brasil (VIRGILIO, 1994). Maeda veio para a América junto com mais quatro importantes conhecedores do judô, Tomita, Sakate, Ono e Ito, que divulgaram o judô Kodokan, nos EUA, América Central e na América do Sul (SANTOS, 2014). Ainda sobre Maeda, Virgílio (1994) relata que dos alunos dele restou somente à família Grace, que mais tarde se especializam nas técnicas de chão (Katame-waza), e

fundam suas escolas de jiu-jitsu, que nos dias atuais é conhecida como jiu-jitsu brasileiro.

A primeira competição de judô foi realizada em São Paulo em 1948, o primeiro campeonato brasileiro foi realizado em 1954, no Rio de Janeiro, sediado pela Tijuca Tênis Clube, sob a administração da Confederação Brasileira de Pugilismo (SANTOS, 2014). Em 1956 acontece a primeira participação brasileira em uma competição internacional, o 2º Campeonato Panamericano, em Cuba, sendo que o Brasil ficou com o segundo lugar (VIRGILIO, 1994). Em 1958, foi fundada a Primeira Federação de judô no Brasil, a Federação Paulista de judô. Em seguida outros estados também fundaram suas Federações. Em 1969, foi fundada a Federação Brasileira de judô, que após se filia a Federação Internacional e à União Pan-americana de judô (SANTOS, 2014).

O judô brasileiro é destaque entre as modalidades esportivas do país, pois é reconhecido como o esporte que sempre traz medalhas para o país. A primeira participação brasileira nos Jogos Olímpicos foi em Tóquio em 1964. A primeira medalha conquistada foi em 1972, em Munique pelo atleta Walter Carmona. A primeira medalha de ouro foi conquistada em Barcelona em 1992 pelo judoca Aurélio Miguel (SANTOS, 2014). O mestre Jigoro Kano criou fundamentos para orientar a prática da arte marcial. Segundo Santos (2009) e Virgilio (1994), as formas de deslocamento sobre o tatame (*shintai*), as posições básicas do corpo, as pegadas (*kumi-kata*), as fases de aplicação da técnica e os amortecimentos de quedas (*ukemi*). Santos (2009) cita a *shizen-tai*: que é a posição natural que pode ser frontal, para a direita ou para a esquerda; ou *jigo-tai*: que é a posição de defesa que pode ser pela esquerda ou pela direita.

Em relação às fases de aplicação das técnicas Arpin (1970) classifica como a primeira fase o *kuzushi* (desequilíbrio), seguida do *tsukuri* (preparação), *kake* (execução) e *zantin* (segurança). Autores como Santos (2014) citam o *Kuzushi* como a fase mais importante da execução de uma técnica, pois ao fazer o *Kuzushi* o judoca utiliza a primeira máxima do judô, ou seja, o menor uso da energia e máxima eficiência do movimento. Além disso, existem quedas para frente, para trás e para o lado. O objetivo é amortecer a queda, deve-se bater no solo com o seu braço e a palma da mão. Ao bater o solo as vibrações recebidas são transmitidas para o solo

(ARPIN, 1970). Segundo Robert (1976) as técnicas de amortecimentos são: *mae-ukemi*; *uchiro ukemi*; *yoko ukemi* e *zempo-kaiten-ukemi*.

A prática do judô é realizada em um local específico chamado “Dojô”, segundo Santos (2009), a palavra quer dizer: Do= meio ou via; Jô= lugar preciso. O local é composto por tatames e um altar (*joseki*) onde tem uma fotografia de Jigoro Cano. Além do Dojô existe também o *Shiai-jô* local específico para competição. No judô o *keikogi* (quimono) segundo Watson (2011), recebe o nome de judôgui que é composto por *wagui* (parte superior, casaco) *shita-baki* (calças) e *obi* (faixa).

As saudações fazem parte do ritual do início das aulas e do final, o objetivo é respeitar o mestre Jigoro Kano, sensei (professor), companheiros e o Dojô. Pode ser feita em pé (*ritsurei*) ou ajoelhado (*zareï*). Quando feita uma saudação, ao inclinar-se se verbaliza *onégai-shimasu* (com licença) ao iniciar e *arigatô-gosaimasu* (muito obrigado) ao terminar. As saudações de início e término das aulas devem ser feitas ajoelhados ou em pé entre sensei e alunos e de todos para o altar demonstrando disciplina e respeito (SANTOS, 2009).

2.1.1 Bases filosóficas e religiosas do judô

Para falar do espírito do judô devemos entender quais filosofias e pensamentos religiosos foram base para criar essa arte, dessa forma compreende-se o quão valiosos são esses pressupostos. Segundo Virgílio (1994), Jigoro Kano deixou duas máximas de seus ensinamentos: *Seiryoku Zenyo* (o melhor uso da energia) e *Jita Kyoëi* (prosperidade e benefícios mútuos). O primeiro passo para entender o espírito do judô é compreender sua primeira máxima, que segundo Kano (2008) é a essência do judô. Para Santos (2014), o princípio *Seiryoku Zenyo* foi criado por um filósofo japonês Akyama Shirobei, com base em uma observação comparativa da cerejeira e do salgueiro durante uma nevasca, observou a cerejeira, a qual com o peso da neve os galhos se quebravam, por outro lado, notou o salgueiro com seus galhos flexíveis, que se curvava ao solo com o peso da neve e a depositava no solo. Concluiu que ao positivo devia opor-se o seu complemento o negativo, e a força devia reagir com flexibilidade.

De acordo com Kano (2008), o antigo Ju-jutsu é derivado do *Ju yoku go o seisu*, que pode ser traduzido por “o suave controla o duro”. Essa teoria significa que se resistir diante de um oponente mais forte, você será derrotado, porém se você se ajustar, evitar o ataque, causar o desequilíbrio do oponente a força dele diminuirá e você poderá derrotá-lo (KANO, 2008). Ao perceber que a teoria do *Ju yoku go o seisu* não podia ser aplicada em todas as situações de lutas, Kano utiliza o termo *Seiryoku sansen katsuyo* (o melhor uso da energia), resumido pela expressão *Seiryoku zeny*, primeira máxima do judô. Isso significa que você deve colocar a energia mental e física para trabalharem juntas, e assim de maneira eficiente (KANO, 2008). Santos (2014) cita que esse princípio está sempre atrelado a não utilização da força. Porém, ele não é só utilizado no âmbito físico, mas também nos planos intelectual, moral e espiritual, desta forma pode ser aplicado nas diversas situações da vida.

A segunda máxima é *Jita kyoei* (prosperidade e benefícios mútuos). *Jita Kyoei* significa literalmente "coopera com outros; que conduz à tradução usual; mútuo". Ei Refere-se ao "sucesso, glória ou floração prosperidade e benefício mútuo" ou "Progresso mútuo", da noção de que quando um progride, todo mundo ganha (CASADO; VILLAMON, 2009). Para Casado e Villamon (2009) e Santos (2014), a máxima *Jita kyoei* é a sequência da primeira máxima, pois após conseguir controlar a mente e o corpo de maneira eficaz, é preciso contribuir para os seus semelhantes, ou seja, a sociedade em geral.

Além das duas máximas, segundo Virgilio (1994), Jigoro Kano criou nove princípios para orientar o caminho do judoca, que fornece base para compreender e progredir no judô, são eles:

- 1° “Conhecer-se é dominar-se, e denominar-se é triunfar”.
- 2° “Quem teme perder já está vencido”.
- 3° “Somente se aproxima da perfeição quem a procura com constância, sabedoria e, sobretudo humildade”.
- 4° “Quando verificares com tristeza que nada sabes, terás feito teu primeiro progresso no aprendizado”.
- 5° “Nunca te orgulhes de haver vencido um adversário. Quem venceste hoje poderá derrotar-te amanhã. A única vitória que perdura é a que se conquista sobre a própria ignorância”.
- 6° “O judoca não se aperfeiçoa para lutar, luta para se aperfeiçoar”.

7° “O judoca é o que possui inteligência para compreender aquilo que lhe ensinam e paciência para ensinar o que aprendeu aos seus companheiros”.

8° “Saber cada dia um pouco mais, utilizando o saber para o bem. Esse é o caminho do verdadeiro judoca”.

9° “Praticar o judô é educar a mente a pensar com velocidade e exatidão, bem como ensinar o corpo a obedecer corretamente. O corpo é uma arma cuja eficiência depende da precisão com que se usa a inteligência”.

Esses princípios são os degraus que o judoca deve progredir, a ordem em que são apresentados não é uma ordem arbitrária, mas uma sequência lógica. Para Sarkis (2004), os princípios são fases que o judoca passa, desde a condição de aprendiz, discípulo e mestre. Porém, esses princípios devem sempre estar sendo lembrados, por mais que o judoca saiba muito, sempre terá coisas novas para aprender, até os mestres tem mestres.

Com base nesses nove princípios apresentados por Virgílio (1994), podemos retirar alguns ensinamentos para nos orientar e compreender esta arte. No primeiro princípio “Conhecer-se é dominar-se, e denominar-se é triunfar” percebemos que o judoca deve primeiramente conhecer o seu corpo, as ações dele no espaço e no tempo, as suas potencialidades e deficiências. Após ter domínio corporal, isto é, o corpo agindo harmoniosamente com a mente, fazer a execução crítica das técnicas, sabendo o melhor momento para utilizar as capacidades físicas como, agilidade, velocidade, força. O judoca para atingir esse autoconhecimento deve inicialmente ter uma disponibilidade corporal e mental, deve estar com o corpo livre para a prática, o mesmo ocorre com a mente.

O segundo princípio “Quem teme perder já está vencido” está relacionado à autoconfiança, por meio da prática do judô nos confrontamos com nossos medos, ansiedades, hábitos e traumas. Isso tudo deve ser trabalhado para não prejudicar o desempenho em uma luta ou em alguma situação da vida em que esses sentimentos podem ser motivo para dificultar a execução de uma tarefa.

“Somente se aproxima da perfeição quem a procura com constância, sabedoria e, sobretudo humildade”, esse é o terceiro princípio, talvez para nós ocidentais seja difícil compreender a disciplina exigida pelos japoneses. Porém é

importante persistir, ter iniciativas, saber decidir o que realmente é importante adquirir, não desistir na primeira dificuldade, e ter humildade para reconhecer que nunca seremos perfeitos. Nas escolas básicas do Japão eles ensinam as crianças que “espigas de milho cheias abaixam a cabeça enquanto que as vazias levantam” (SANTOS, 2009).

O quarto princípio “Quando verificares com tristeza que nada sabes, terás feito teu primeiro progresso no aprendizado” está intimamente relacionado com a ignorância, o judoca só passa para um segundo aprendizado quando consegue avaliar-se, admitindo aquilo que sabe e aquilo que tem deficiência.

Ao vencer um oponente o judoca deve refletir sobre os fatos que o levaram a vencer, não deve reduzir o oponente, mas admitir que a luta é um aprimoramento de ambos. O dia a dia é um aprendizado. Ao cair levante e reflita a causa. Ao projetar reflita sobre se a projeção foi eficiente ou eficaz. Esse é o quinto pensamento “Nunca te orgulhes de haver vencido um adversário. Quem venceste hoje poderá derrotar-te amanhã. A única vitória que perdura é a que se conquista sobre a própria ignorância”.

O sexto pensamento “O judoca não se aperfeiçoa para lutar, luta para se aperfeiçoar” este princípio nos dias atuais parece estar sendo esquecido, principalmente após a esportivização do judô, pois o que é mais valioso no esporte é a medalha, ou melhor, a vitória, para isso a luta se torna um fim em si mesmo, mas sabemos que a luta no judô é uma maneira de aperfeiçoar o corpo, a mente e o espírito, dessa forma se tornando um ser humano melhor.

Com o sétimo princípio “o judoca é o que possui inteligência para compreender aquilo que lhe ensinam e paciência para ensinar o que aprendeu aos seus companheiros” aqui o judoca já adquiriu o conhecimento e domínio dos conteúdos da prática quanto o autoconhecimento, pois já atua com maestria no tatame e na vida. Com sabedoria, humildade e tolerância ensina o que aprendeu aos demais.

No oitavo princípio “Saber cada dia um pouco mais, utilizando o saber para o bem. Esse é o caminho do verdadeiro judoca” está vinculado ao aprendizado constante, pois ninguém sabe o suficiente. Sempre haverá coisas novas para aprender, principalmente nos dias atuais em que a informação está em constante e rápida mudança.

“Praticar o judô é educar a mente a pensar com velocidade e exatidão, bem como ensinar o corpo a obedecer corretamente. O corpo é uma arma cuja eficiência depende da precisão com que se usa a inteligência”, o último reúne todo o aprendizado adquirido nos anteriores. O entendimento e aplicação é que diferencia ser um judoca de essência e ser um lutador de judô (SANTOS, 2006). Muitos demoram em entender e utilizar estes princípios e outros, infelizmente, nunca o conseguem (SANTOS, 2014).

Estes são os nove princípios que norteiam o caminho de um judoca. Virgílio (1994) reforça essa ideia dizendo que esses princípios marcam o caminho do progresso, aprofunda o conhecimento prático dessa arte. O judoca deve dar atenção, obedecer e zelar por eles. Toda espiritualidade que diferencia as artes marciais, em especial o judô, das demais lutas emergiram a partir da classe samurai no antigo Japão. Esses guerreiros eram regidos por um código de ética, denominado de *Bushido*, cujo significado é “caminho do guerreiro” (KISHIKAWA, 2004). O *Bushido* foi influenciado e idealizado por uma combinação de conceitos de religiões, como o Budismo e Xintoísmo e de filosofia como o Confucionismo (SANTOS, 2009). O *Bushido* incorporou do Budismo o desapego e o destemor do perigo e da morte; do Xintoísmo veio à lealdade, o patriotismo e a reverência aos antepassados e; do Confucionismo o dever filial e as relações entre senhor e servo, pai e filho. Junto a estas virtudes, o *Bushido* também prega a justiça, o amor e a benevolência.

Os princípios e máximas deixados por Jigoro Kano são embasados em filosofias (Confucionismo e Taoísmo) e religiões (Budismo e Xintoísmo). O Budismo nasceu no Século VI a.C. na Índia, com o príncipe Sidarta Gautama mais conhecido como Buda. Ao deparar-se com a realidade fora do seu palácio, mudou sua vida radicalmente, mediante a visão de um doente, de um velho e de um cadáver, abandonando suas mordomias para encontrar a verdade. Buda morre com 80 anos. A religião Budista é altamente sincretista, pois Buda não é considerado um Deus, permitindo assim seus seguidores conviverem com outras religiões (SANTOS, 2014). As correntes de pensamento são basicamente as linhas Theravada, Tibetana e Zen.

A corrente Budista Theravada é os ortodoxos do Budismo, que enfatizam a vida monástica e seguem fielmente suas escrituras sem aceitar nenhuma alteração. É comum na Tailândia, Ceilão, Sri Lanka e todo o sudeste asiático (DHARMANET,

2005 apud ADALBERTO, 2005). A corrente Tibetana teve sua origem no Tibet no século VII d.C., com a vinda do Mestre Indiano de nome Padmasambhava, e enfatizam a devoção aos Mestres chamados de Lamas, e rituais mágicos advindos da religião primitiva do Tibet. Padmasambhava era dotado de muitos poderes, e as tradições tibetanas asseguram que ele era um “não nascido”, ou seja, não nascido de um ventre, pois ele simplesmente surgiu (ADALBERTO, 2005).

A corrente Zen foi muito difundida na China, Coréia, Vietnam e Japão, e enfatiza a intuição e a meditação, sem dar grande esboço às teorias (PIAZZA, 1991). Santos (2014, pag. 27) cita que na corrente Zen Buda elencou quatro verdades para o sofrimento humano são elas:

“...**A nobre verdade do sofrimento:** Todo sofrimento, assim como toda a nossa felicidade está na própria mente, pois nenhum inimigo nos poderá fazer tão infelizes quanto nossa mente mal dirigida.

A nobre verdade da causa do sofrimento. Ignorância, desejo, apego, cobiça, ódio e ilusão.

A nobre verdade da extinção da causa do sofrimento. É a completa erradicação e desaparecimento da ignorância, desejo, apego, cobiça, ódio e ilusão e em consequência o abandono e libertação da ilusão do EU e do MEU.

A nobre verdade da senda que leva à extinção do sofrimento. Buda encontrou um caminho, que ele chamou Senda do Meio, sendo que qualquer um que a veja e a compreenda, leva à paz, ao discernimento, a iluminação e ao NIBBANA ou NIRVANA.”

Segundo Santos (2014), o Xintoísmo é uma religião nativa do Japão, é componente básico de toda a cultura japonesa. Diferentemente do cristianismo e do islã, o xintoísmo não possui um fundador. É uma religião nacional, que ao longo dos séculos adotou tradições de várias outras religiões (GAARDER; HELLERN; NOTAKER, 2001). O Xintoísmo possui diversos milhões de deuses ou kamis, que se manifestam sob a forma de árvores, montanhas, rios, animais e seres humanos. A palavra japonesa kami também é traduzida como "espírito" (GAARDER; HELLERN; NOTAKER, 2001). Eles creem que a Terra não existe apenas para suprir as necessidades das pessoas, mas sim como a residência sagrada dos deuses, dos espíritos de seus antepassados - “deve ser preservada” (SANTOS, 2014). As virtudes cultivadas no Xintoísmo são: senso de honra; fidelidade, ao imperador, em seguida ao grupo que pertence (hierarquia, fidelidade ao mestre); obediência aos superiores; sucesso nos estudos e na vida (perseverança); autocontrole (conhecer-

se é dominar-se...); fazer o bem para o seu grupo e á sociedade (pensar no bem estar mútuo e não apenas em si).

O Confucionismo é baseado no filósofo chinês Confúcio – Kong Fu Tsé. Foi à doutrina oficial da China durante quase dois mil anos (SANTOS, 2014). Yamashiro (1986) apud Santos (2014), o Confucionismo exerce do lado do Budismo e do Xintoísmo influência significativa na cultura do povo japonês. O princípio dessa filosofia é a busca do caminho (Tao) equilíbrio. Confúcio foi uma das maiores personalidades da China – pensava e agia de modo prático. A doutrina de Confúcio se resume e uma só coisa e que abrange tudo: “toda sabedoria consiste em aperfeiçoar a si mesmo e amar os outros como a si mesmo” (SANTOS, 2009).

O Taoísmo se baseia num livro chamado Tao Te Ching, "O livro do Tao e do Te". Tao (ordem do mundo) e te (força vital) (GAARDER; HELLERN; NOTAKER, 2001). A Influência do Taoísmo na filosofia de vida prega o equilíbrio e harmonia nas ações da vida diária.

De acordo com Gaarder, Hellern e Notaker (2001, p. 77)

... taoísmo implica passividade e não atividade. Para um sábio taoísta, a ação mais importante é a "não-ação". Isso obviamente tem uma grande influência em sua visão da vida comunitária. Enquanto Confúcio desejava educar o homem por meio do conhecimento, Lao-Tse preferia que as pessoas permanecessem ingênuas e simples, como crianças. Enquanto Confúcio ansiava por regras e sistemas fixos na política, Lao-Tse acreditava que o homem deveria interferir o mínimo possível no desdobramento natural dos fatos. Confúcio queria uma administração bem-ordenada, mas Lao-Tse acreditava que qualquer administração é má. Quanto mais leis e mandamentos existirem, mais bandidos e ladrões haverá", diz o Tao Te Ching.

2.2 MÉTODOS E ESTILOS DE ENSINO-APRENDIZAGEM NOS ESPORTES E NAS LUTAS

A literatura nos apresenta métodos, estilos de ensino aprendizagem para os esportes, sejam coletivos ou individuais. Autores como Costa e Nascimento (2004), Gozzie Ruete (2006), Barbieri et al. (2008), Antunes e Moura (2010), Rezende e Rosas (2011), Rufino e Darido (2012), concordam que os professores devem adotar, conhecer e utilizar metodologias de ensino nas aulas, pois dependendo da

metodologia aplicada a sequencia e decisões tomadas se diferenciam para cada aula.

Segundo Tenroller e Merino (2006), há alguns métodos que devem ser utilizados pelos professores no ensino dos esportes como por exemplo: método global; método misto; e método parcial ou analítico. A seguir será feito uma análise dos métodos no ensino dos esportes, elencando os principais presentes na literatura.

Vamos entender primeiramente o que é um método de ensino. Para Libâneo (2002), método de ensino é a atuação do professor, ao dirigir e estimular o processo de ensino em cargo da aprendizagem dos alunos, quando usa de propósito um conjunto de ações, passos, condições externas e procedimentos.

O método parcial consiste em ensinar uma destreza motora por partes para, posteriormente, uni-las entre si. A destreza motora pode ser subdividida segundo o modo pelo qual as partes serão ligadas posteriormente (XAVIER, 1986). Segundo Tenroller e Merino (2006), o método global é bem-conceituado como aquele cuja finalidade é ensinar uma destreza motora ou movimento básico principal apresentando e praticando-o com todos os movimentos unidos. Nesse contexto, a aprendizagem de um rolamento para frente no caso do ukemi (*zempo-kaiten-ukemi*) do judô seria a partir da execução do movimento como um todo.

Para Xavier (1986), o método misto consiste na sincronia dos métodos global-parcial-global. Primeiramente acontece a execução do gesto total. Em seguida, o gesto é parcializado com o objetivo de proceder a "correções" do movimento ou dos movimentos. Finalmente, volta-se à prática completa dos movimentos. Dessa forma a segunda parte serve como base para corrigir os erros da primeira parte, a partir da terceira parte, acontece o gesto completo novamente. É uma metodologia muito rica do ponto de vista didático, tende a ter bons resultados.

Além dos métodos de ensino dos esportes, os professores também podem adotar estilos de ensino. Estudos segundo eixo do modelo teórico de Mosston (1966) apud Antunes e Moura (2010) compreende a descrição dos "Estilos de Ensino" em seis estilos, são eles: a) comando (diretivo), b) tarefa, c) avaliação recíproca, d) programação individualizada, e) descoberta orientada e f) solução de problemas.

Esse modelo teórico de Mosston (1966) analisa a estrutura e a tomada de decisões em um comportamento de ensino e suas conexões. Segundo Gozzi e Ruete (2006), Mosston acreditava que a identificação e o esclarecimento desta estrutura seriam exatamente benéficos, tanto para o professor quanto para o aluno. O foco principal destes estilos é pautado em algumas questões em relação ao desenvolvimento da aula e sua estrutura, como tomadas de decisões com relação ao objetivo da aula, a sequência a ser utilizada para caracterizar a tarefa e o nível da motivação do grupo.

O estilo do ensino por comando (diretivo) é o primeiro do aspecto de Mosston (ANTUNES; MOURA, 2010). Hoje em dia é ligado ao modelo tradicional de educação e de inspiração militarista. Esse estilo de ensino, é centrado na figura do professor, que escolhe as atividades, fornece as indicações precisas sobre o que fazer. A metodologia baseia-se, sobretudo na utilização de situações didáticas, há um modelo a ser seguido e qualquer desvio desse padrão é considerado um erro. Avaliação apenas no domínio motor há pouco espaço para a expressão das diferenças, o que pode levar as crianças a diminuírem a participação ou até abandonarem a atividade (MOURA, 2009).

No estilo de ensino por tarefa, o professor encontra-se no centro do processo selecionando os objetivos, as estratégias e determinando as formas de organização. Algumas decisões passam para os alunos, como a escolha das tarefas realizadas, bem como a de seu início e término, e dos padrões de desempenho. A relação entre professor e aluno ainda é formal e com pouca discussão das ideias (ANTUNES; MOURA, 2010).

O “Estilo de Ensino Recíproco” tem uma estrutura diferente dos dois “Estilos de Ensino” anteriores, comando e tarefa, ele exige uma relação tríplice envolvendo o professor e dois estudantes: um denominado Aluno-executante (Ae) e outro Aluno-observador (Ao) (RESENDE; ROSA, 2010). Para Antunes e Moura (2010), nesse estilo o professor tem ainda papel predominante no processo, pois é ele quem escolhe os objetivos, seleciona as estratégias e impõe a organização. Entretanto, delega aos alunos a avaliação da aprendizagem, embora estabeleça critérios para sua realização. A avaliação de aprendizagem é realizada em duplas, segundo os critérios do professor.

Estilo de ensino por programação individualizada, o professor está no centro do processo com liberdade para dar mais atenção aos trabalhos individualmente e acompanhar a aprendizagem dos alunos. Estes trabalham em ritmo próprio desenvolvendo o senso de responsabilidade e iniciativa, aprendendo a avaliar-se (ANTUNES; MOURA, 2010). A metodologia baseia-se na existência das diferenças individuais, a adoção deste estilo permite atender os alunos que necessitam de cuidados especiais. A avaliação de aprendizagem é realizada pelo professor de acordo com o desempenho individual. Segundo Moura (2009), a relação entre professor e aluno é bastante informal.

No estilo de ensino por descoberta orientada o professor começa a deslocar-se do centro do processo em contraponto aos estilos precedentes. O professor assume o papel de orientador das atividades; centrado na figura do aluno; o professor formula questões sequencialmente para fazer com que os alunos descubram por si mesmos como desempenhar um movimento em particular. Explorando as possibilidades de movimento a partir de um problema colocado pelo professor. Considera que a questão problematizadora produz a necessidade da busca de solução (ANTUNES; MOURA, 2010).

O último estilo de ensino, de acordo com o modelo teórico de Mosston (1966) apud Antunes e Moura (2010) é a “solução de problemas”. Neste estilo do ensino professor assume o papel de orientador das atividades dos alunos, o ensino é centrado na figura do aluno. A partir de questões, o professor instiga os alunos a pensarem sobre todas as possibilidades razoáveis para concretizarem suas metas. Ele aguça a curiosidade dos educandos. A ideia central não é encontrar uma única solução, mas incentivar o maior número possível de soluções (RESENDE; ROSA, 2010; ANTUNES; MOURA, 2010).

Na literatura alguns estudos mostram a prevalência nas lutas dos estilos de ensino centrados no professor. O estudo de Antunes e Moura (2010) que teve como objetivo identificar os estilos de ensino de professores de wushu no Brasil. Os resultados apontaram uma prevalência do “estilo tarefa” demonstrando uma concepção mais fechada por parte dos professores. Gozzi e Ruete (2006) fizeram um estudo com o objetivo de identificar quais os estilos de ensino mais utilizados pelos professores nos segmentos não escolares da cidade de Campinas/SP. O estudo concluiu que independente da modalidade, o estilo mais utilizado foi o “estilo

tarefa”, que se aproxima dos resultados alcançados por Mosston e Ashworth (1990) apud Resende e Rosas (2011) em aulas de Educação Física escolar.

O estudo de Mendoza et al. (2011) dividiu três grupos utilizando em cada um deles um estilo de ensino diferente para iniciação do judô. Concluiu-se com os resultados do trabalho, que o modelo descoberta técnica e guiada é o modelo mais eficiente em termos de resultados de aprendizagem nos alunos da iniciação do judô. O estudo de Freitas (1989) verificou as formas autoritárias dos professores de judô, em casos extremos era proibido a hidratação durante as aulas. Os professores eram regidos pelos ensinamentos das escolas de ofício, em que os judocas aprendem essencialmente fazendo. A figura do mestre é claramente responsável por toda formação do aprendiz, tanto formal como legalmente (DRIGO et al., 2011). O estudo de Ruffoni (2004) corrobora com os achados de Bettman (1994), em que ambos relatam em suas pesquisas com o objetivo de analisar os estilos de ensino mais frequentes nas aulas de judô, que o estilo de ensino por comando é o mais frequente nas práticas deste esporte.

Em suma, este tópico apresenta algumas estratégias que orientam o ensino-aprendizagem dos esportes, mais especificamente para o ensino das lutas. São destacados os principais métodos de ensino dos esportes presentes na literatura, que são eles; Método parcial, método global e método misto. São abordados também os estilos de ensino segundo eixo do modelo teórico de Mosston (1966) apud Antunes e Moura (2010) que são eles: 1) comando (diretivo), 2) tarefa, 3) avaliação recíproca, 4) programação individualizada, 5) descoberta orientada e 6) solução de problemas. Ao final deste tópico é feita a análise de alguns estudos que abordaram a temática relacionada aos estilos de ensino dos esportes e das lutas. Estes estudos apontam que o estilo de ensino “comando”, ou seja, centrado na figura do professor é o mais frequente nas aulas de judô.

2.2.1 Objetivos educacionais no ensino do judô

Quando Jigoro Kano criou a arte do judô, a maior preocupação dele era a educação. Essa nova arte marcial foi baseada em princípios educacionais com a preocupação no desenvolvimento global do ser humano, pois se sustentava em três

esferas como já citada anteriormente: a física (cuidados e fortalecimento do corpo), a intelectual (aquisição do conhecimento) e a moral (formação ética e moral) (KANO, 2008). Preocupava-se com a formação do aluno como ser humano e não apenas com os resultados competitivos (CASADO; VILLAMÓN, 2009). A aplicação da educação no judô, segundo os pressupostos de Kano (2008), está representada em três áreas: aprimoramento do caráter, treinamento do intelecto e aplicação das teorias do combate (máximas e princípios filosóficos) nos aspectos da vida.

Nessa perspectiva, pode-se evidenciar que o judô inicialmente foi criado com o objetivo de “praticar” do ponto de vista físico, intelectual e social, no entanto, quando iniciadas as primeiras disputas entre praticantes foram sendo criadas regras e essa arte marcial passou a adquirir ou incorporar características de esporte. Essas particularidades foram se modificando ao longo dos anos e atualmente o judô, assim como outras artes marciais (taekwondo, karatê etc), apresenta uma estrutura regida por federações, confederações ou ligas que possuem regras, campeonatos e sistemas competitivos próprios (FRANCHINI; DEL VECCHIO, 2012).

O judô, em sua gênese, propõe o desenvolvimento integral do praticante, usando a prática como um meio e não como um fim em si mesmo. No entanto, esse propósito parece ter se perdido ao longo das gerações e se transformando em apenas reprodução do conhecimento prático. Nesse contexto, o processo de ensino do judô, segundo Drigo et al. (2011) é baseado no modelo das “escolas de ofício”, no qual os aprendizes judocas aprendem essencialmente fazendo (saber fazer); há uma imagem valorizada do mestre e as atividades práticas são consideradas tão formativas do caráter quanto os estudos formais.

Na medida em que as crianças, adolescentes ou adultos começam a competir há uma ênfase ainda maior no “saber fazer”, ou melhor, no treinamento físico, técnico e tático, deixando de lado os pressupostos teóricos, que dão vida a essa arte marcial. Essa proposição foi ratificada em estudos prévios (SANTOS; FIORESE, 1990; SILVA; SANTOS, 2005), que detectaram baixo conhecimento apresentado por técnicos e atletas de judô sobre as bases teóricas e conseqüentemente aplicação das mesmas tanto no tatame quanto nas situações da vida diária.

É importante ter em mente que o judô como elemento educacional pode ser aplicado tanto no ambiente escolar quanto em outros contextos, incluindo academias, escolas, clubes, associações esportivas entre outros. Visando

competição ou não, o judô deve promover um desenvolvimento integral dos seus participantes, sejam estes crianças, adolescentes ou adultos. Para isso, há muito para se discutir, pois o processo de ensino/treinamento do judô ainda hoje é baseado nas escolas de ofício, na ênfase somente no “saber fazer” (DRIGO et al., 2011). Dessa forma, os pressupostos teóricos que dão sustentação para o enriquecimento da arte em seus aspectos educacionais ficaram de lado, sendo enfatizado somente as destrezas físicas e motoras com o objetivo de melhora do desempenho competitivo. Talvez durante certo tempo isso seja suficiente para formar campeões, porém, como todo atleta de esportes de rendimento tem vida útil limitada, nada ficará dessa arte tão cheia de valores, que poderá ser lembrada conforme Casado e Villamón (2009), como a utopia educativa de Jigoro Kano.

A prática do judô não se resume ao gesto técnico, mas extrapola para as sensações, as emoções que estão diretamente relacionadas com aspectos do conhecimento de si, do próprio corpo e do que ele é capaz. Adicionalmente, os movimentos do judô (gestos motores) devem ser atribuídos de significados, como exemplificado por Santos (2006) no momento da saudação no início e no final da aula, em que o gesto de saudar ao mestre e ao professor (*sensei*) atende aos princípios do respeito e da humildade. Segundo a autora, é muito comum observar saudações sendo efetuadas em gestos mecânicos, pois muitos praticantes e atletas não sabem nem o que se pronuncia em uma saudação e muito menos o sentido dessa em uma aula.

Analisando o judô educacional, preconizado por Kano, e o judô competição, fruto da esportivização moderna, percebe-se que há mais divergências que convergências. O judô esportivo de hoje tem uma herança cultural que enfatiza, em sua maioria, a reprodução do conhecimento prático com ênfase no desempenho competitivo. A integração da cultura física, intelectual e espiritual já não faz parte e não é objetivo do ensino/treinamento de judô. Por outro lado, se o judô for trabalhado conforme preconizado por Jigoro Kano, serão formados tanto judocas/cidadãos que o praticam para a vida, quanto judocas/atletas que o praticam para competição (SANTOS, 2014).

Neste tópico foram expostos os objetivos educacionais do judô. A aplicação da educação no judô, segundo os pressupostos de Kano (2008), está representada em três áreas: aprimoramento do caráter, treinamento do intelecto e aplicação das

teorias do combate (máximas e princípios filosóficos) nos aspectos da vida. O judô, em sua gênese, propõe o desenvolvimento integral do praticante, usando a prática como um meio e não como um fim em si mesmo. Porém, com a esportivização desta arte marcial os objetivos educacionais foram se perdendo e a ênfase passou a ser em aprimorar as técnicas e o físico para obter bons resultados em competições. Desta forma, as salas de judô foram se tornando centro de treinamento, deixando o aspecto educativo se perder.

2.3 INICIAÇÃO ESPORTIVA NOS ESPORTES

Greco e Benda (1998) utilizam o conceito de processo de ensino-aprendizagem-treinamento, pois consideram que não existe treinamento sem a fase de ensino-aprendizagem. Além disso, consideram que não é possível ensinar-aprender sem preceder ao treinamento do que foi ensinado-aprendido. Os autores justificam que o treinamento é o elemento que produz a operacionalização do adquirido.

Greco e Benda (1998) também propõem uma classificação sistemática das fases de iniciação esportiva nos esportes, para que desta forma, não haja especialização precoce. As fases são:

- Fase pré- escolar criança até os seis anos, essa fase é denominado como estimulação, no aspecto cognitivo, emocional e motivacional. Nesta fase não existe movimento errado o objetivo é propiciar as crianças atividades de equilíbrio, deslocamento, esquema corporal, relação espaço temporal etc.
- Fase universal, criança de 6 a 12 anos. É a fase de refinamento das habilidades básicas. O autor apresenta dois estágios, geral ou transitório (7 aos 10 anos), nos quais os alunos começam a combinar as habilidades básicas. No estágio das habilidades específicas, acontece o desenvolvimento dos aspectos físicos e cognitivos, que somados aos fatores culturais favorecem a criança a entender as habilidades dentro dos esportes específicos.
- Fase de orientação, essa inicia por volta dos 11 anos até os 14 anos. É a fase de aperfeiçoamento dos movimentos técnicos e táticos dos esportes, e também aperfeiçoar as capacidades físicas.

- Fase de especialização inicia por volta dos 15 anos até os 18 anos. É a fase em que o aluno já sabe se quer praticar da modalidade para competição ou recreação. Nesta fase busca-se a perfeição dos movimentos, tem um treinamento de forma fechada para a modalidade específica. Porém ainda não está vinculado ao esporte de alto nível.
- Fase de aproximação/integração (18 aos 21 anos) é a mais importante para definir se o aluno vai ser um atleta ou não. Nesta fase a maturação já está fechada ou no final, os treinamentos são de alta intensidade, aprimorando as capacidades físicas, técnicas e táticas.
- Fase de alto nível, nesta fase o aluno já é um atleta, é trabalhado a estabilização e domínio técnico-tático-psíquico e social. A carga de treinamento é muito alta.
- Fase de recuperação/readaptação, essa é a fase de destreinamento do atleta de maneira gradativa, onde o ex-atleta pratica atividades físicas adequadas para o benefício da saúde.

A estrutura temporal com suas etapas e fases estão resumidas na Figura 1. As fases são constituídas de quatro etapas (formação, transição, decisão e re-adaptação) que decorrem evolutivamente no espaço de tempo da infância e adolescência (GRECO; SILVA, 2008). É importante destacar que as etapas e fases sugeridas devem ser consideradas como pontos de referência para o professor.

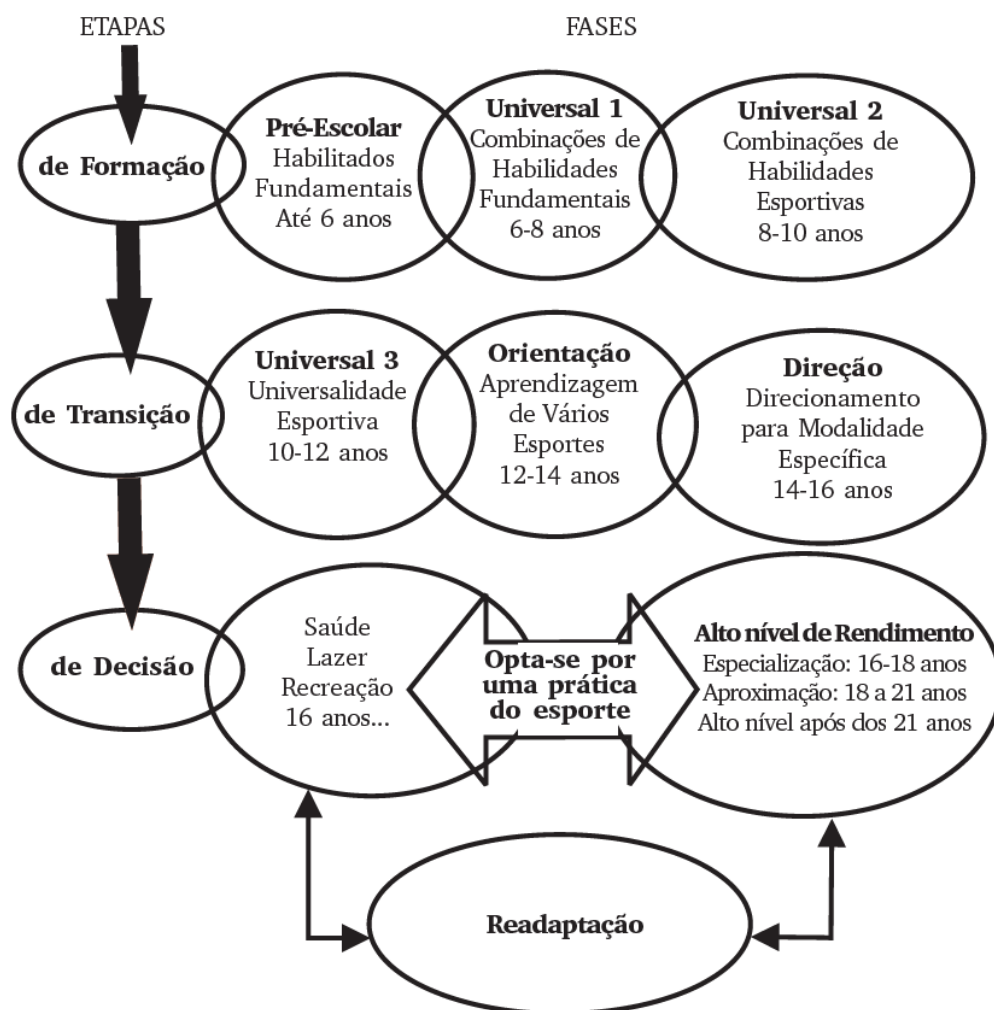


Figura 1. Estrutura temporal com suas etapas e fases (GRECO; SILVA, 2008).

3 MATERIAIS E MÉTODOS

3.1 Caracterização da Pesquisa

Este estudo se caracteriza como de natureza aplicada, porque tem o objetivo de gerar conhecimento para a aplicação prática. A abordagem é quantitativa, pois os resultados poderão ser analisados a partir de números (SANTOS, 2011). Quanto aos objetivos, à pesquisa é considerada descritiva, onde o objetivo é a descrição de algo, de um evento, um fenômeno ou um fato (MALHOTRA, 2001). A técnica de coleta de informação foi a observação estruturada ou sistemática, não-participante, em que o pesquisador observa o fenômeno (aula), mas não se inclui a ele, fica observando e fazendo registros (SANTOS, 2011).

3.2 Amostra

Foram analisadas nesse estudo 20 aulas de judô para crianças na faixa etária de 6 a 13 anos. As aulas foram observadas em dois locais da cidade de Florianópolis: uma academia localizada no Sul da Ilha de Florianópolis e uma associação esportiva localizada no Centro da cidade. Na academia foram observadas 10 aulas, sendo os alunos na faixa etária de 6 a 13 anos e graduação de faixa no judô entre branca a roxa. Na associação esportiva foram analisadas 10 aulas, faixa etária de 6 a 12 anos e graduação de faixa entre branca e verde. Nesse local, os alunos foram divididos em duas turmas – 6 a 9 anos e 10 a 12 anos. Nas duas instituições analisadas, as aulas foram ministradas por professores faixas-pretas de judô com formação acadêmica em Pedagogia e Educação Física. A professora da academia tem formação em Pedagogia pela UDESC e ministra aulas de judô para crianças há trinta anos, sendo nove anos na academia. O professor da Associação Esportiva tem formação em Educação Física, pela UFSC. Trabalha com judô para crianças há oito anos, e há três anos na Associação Esportiva pesquisada.

A seleção da amostra foi por conveniência, e pelo fato de não haver muitos locais de pratica do judô na região de Florianópolis.

3.3 Instrumento de coleta de dados

Foi elaborada uma matriz de observação sistemática não-participante (Apêndice 1) elencando aspectos de estruturação, organização e métodos de ensino-aprendizagem, de acordo com os objetivos do estudo. Também foi utilizado diário de campo, contendo algumas informações relevantes sobre a aula.

3.4 Coleta de dados

As coletas de dados foram realizadas em dois locais que oferecem o ensino do judô para crianças de 6 a 13 anos, sendo uma academia e uma associação esportiva. As primeiras observações das aulas de judô foram realizadas na academia e posteriormente foram observadas as aulas de judô na associação esportiva. Foi realizado um contato prévio com os locais observados, obteve-se o consentimento dos responsáveis por cada local, de acordo com os procedimentos éticos da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. As aulas observadas da academia aconteceram nas segundas e quartas no horário das 8h45min às 9h30min e nas terças e quintas no horário das 16h15min às 17h00min. As aulas da associação esportiva aconteceram nas terças e quintas das 14h00min às 16h00min, sendo destinado a primeira hora para a turma de 6-9 anos e a segunda hora para a turma de 10-12 anos.

3.5 Análise dos dados

Para a análise dos dados obtidos a partir da matriz de observação sistemática foi utilizada estatística descritiva, por meio de frequência simples (absoluta e relativa). Além disso, foram utilizadas medidas de média e desvio-padrão.

4. RESULTADOS

Os resultados serão apresentados conforme os objetivos específicos do estudo. Foram observadas 10 aulas de judô para crianças na academia e 10 aulas na associação esportiva. A Tabela 1 mostra o número de alunos em cada aula por turma nas duas instituições. Pode-se verificar, em média, participaram 16 alunos/aula na academia e 13 alunos/aula na turma da associação esportiva.

Tabela 1: Frequência de alunos na academia e associação esportiva em cada aula e a média \pm desvio-padrão das aulas.

Aula observada	Academia	Associação esportiva
	N alunos	N alunos
1	9	13
2	20	14
3	14	15
4	21	13
5	16	14
6	17	13
7	16	12
8	21	9
9	15	9
10	14	14
Total: 10 aulas	Média \pm DP: 16 \pm 4	Média \pm DP: 13 \pm 2

O primeiro objetivo específico foi identificar aspectos de estruturação e organização nas aulas de judô para crianças. Todas as aulas foram estruturadas em três partes: aquecimento, parte principal e parte final (volta à calma). Na Tabela 2 estão apresentadas as atividades realizadas no aquecimento nas duas instituições. Observou-se que as atividades de corrida e quedas (*ukemis*) foram as mais trabalhadas na academia (22,7% e 22,7 respectivamente), assim como foram as atividades mais desenvolvidas na turma de 6-9 anos da associação esportiva (21,4% e 35,7% respectivamente). Na turma de 10-12 anos da associação esportiva as

atividades mais trabalhadas foram as quedas (ukemis) e brincadeiras/jogos (35,7% e 21,4% respectivamente).

Tabela 2: Frequência relativa das atividades realizadas durante o aquecimento nas aulas na academia e associação esportiva.

Atividades	Academia	Associação	Associação
	6-13 anos (%)	6-9 anos (%)	10-12 anos (%)
Exercícios neuromusculares (ex., polichinelo, abdominais, etc.)	13,6	14,3	14,3
Corrida	22,7	21,4	14,3
Brincadeiras/jogos	9,1	14,3	21,4
Quedas (ukemis)	22,7	35,7	35,7
Atividades técnicas no solo (ex., fuga de quadril, etc.)	13,6	14,3	14,3
Alongamentos	18,2	0	0

As atividades de aquecimento tiveram duração média de $9,2 \pm 3,6$ min na academia e $22,4 \pm 5,6$ min na aula de 6-9 anos e $22,4 \pm 7,0$ min na aula de 10-12 anos na associação esportiva. Analisando o modo de participação (organização da atividade) 80,8% atividades foram individuais, 7,7% em duplas/trios e 7,7% com o grupo todo na academia. Na turma de 6-9 anos da associação esportiva 58,8% atividades foram individuais, 23,5% em duplas/trios e 17,6% com o grupo todo, na turma de 10-12 anos da associação esportiva 55% atividades foram individuais, 25% em duplas/trios e 20% com o grupo todo.

Na Tabela 3 estão apresentadas as atividades realizadas na parte principal das aulas nas duas instituições. Observou-se que na academia a atividade de randori (simulação de luta) foi realizada 33,3% das aulas, entrada de técnicas 22,2% e jogos/brincadeiras 18,5%. Na associação esportiva (turma de 6-9 anos), a atividade de randori teve frequência de 33,3% durante as aulas, às técnicas de perna 20% das aulas. Na turma de 10-12 anos, a atividade de randori foi realizada 29,4% das aulas, as técnicas de quadril 17,6% das aulas.

Tabela 3: Frequência relativa das atividades realizadas durante a parte principal da aula na academia e associação esportiva.

Atividades	Academia	Associação	Associação
	6-13 anos (%)	6-9 anos (%)	10-12 anos (%)
Entrada de técnica	22,2	0	11,8
Movimentação/pegadas	3,7	0	5,9
Técnicas de imobilização	11,1	13,3	5,9
Técnicas de braço	3,7	13,3	5,9
Técnicas de perna	7,4	20,0	11,8
Técnicas de quadril	0	6,7	17,6
Técnicas de contra golpe	0	13,3	11,8
Randori	33,3	33,3	29,4
Brincadeiras/jogos	18,5	0	0

As atividades da parte principal da aula tiveram duração média de $31,0 \pm 3,9$ min na academia, $31,0 \pm 5,5$ min na aula de 6-9 anos e $33,0 \pm 7,6$ min na aula de 10-12 anos na associação esportiva. Analisando o modo de participação na parte principal da aula (organização da atividade), 3,2% das atividades foram individual, 80,6% foram em duplas/trios e 16,1% com o grupo todo na academia. Na turma de 6-9 anos da associação esportiva não aconteceu nenhuma atividade individual, 100% foram em duplas/trios e nenhuma com o grupo todo. Já na turma de 10-12 anos da associação esportiva não teve nenhuma atividade individual, 100% foram em duplas/trios e nenhuma com o grupo todo.

Na Tabela 4 estão apresentadas as atividades realizadas na parte final das aulas nas duas instituições. Observou-se que as atividades mais frequentes na academia foram à saudação final (todas as aulas) e atividades de corrida. Na turma de 6-9 anos da associação esportiva a atividade mais frequente foi à saudação final, assim como na turma de 10-12 anos. Em 16,7% das aulas na turma de 6-9 anos houve exercícios de alongamento, enquanto 14,3% das aulas na turma da academia foi composta por atividade de corrida.

Tabela 4: Frequência relativa das atividades realizadas durante a parte final nas aulas na academia e associação esportiva.

Atividades	Academia	Associação	Associação
	6-13 anos (%)	6-9 anos (%)	10-12 anos (%)
Saudação final	71,4	83,3	100
Alongamento	7,1	16,7	0
Corrida	14,3	0	0
Revisão da aula	7,1	0	0

As atividades da parte final da aula tiveram duração média de $4,1 \pm 3,0$ min na academia, $3,4 \pm 1,9$ min na turma de 6-9 anos e $2,0 \pm 1,0$ min na turma de 10-12 anos na associação esportiva. Analisando o modo de participação na parte final da aula (organização da atividade) observou-se que todas as atividades foram individuais nas turmas analisadas.

O segundo objetivo específico foi identificar os métodos e estilos de ensino utilizados pelos professores durante as aulas. Na tabela 5 estão apresentados os métodos de ensino mais frequentes nas aulas da academia e da associação esportiva. Observou-se na academia que o método global foi utilizado em 80,9% das aulas e o método parcial em 19,1%. Na turma de 6-9 anos da associação esportiva o método global foi utilizado 38,2% e o método parcial 8,8%. Na turma de 10-12 anos, o método global foi utilizado 78,8% das aulas e o método parcial 18,2% vezes.

Tabela 5: Frequência relativa dos métodos de ensino utilizados nas aulas na academia e associação esportiva.

Método de ensino	Academia	Associação	Associação
	6-13 anos (%)	6-9 anos (%)	10-12 anos (%)
Global	80,9	78,8	74,3
Parcial	19,1	18,2	25,7
Misto	0,0	3,0	0,0

Na tabela 6 estão apresentados os estilos de ensino utilizados nas aulas da academia e da associação esportiva. Observou-se que o estilo de ensino diretivo foi

o mais utilizado nas aulas da academia com frequência de 100% atividades. O método solução de problemas foi utilizado em 3,2% atividades apenas. Na associação esportiva foi utilizado somente o estilo diretivo para a turma de 6-9 anos e para a turma de 10-12 anos.

Tabela 6: Frequência relativa dos estilos de ensino utilizados nas aulas na academia e associação esportiva.

Estilos ensino	Academia	Associação	Associação
	6-13 anos (%)	6-9 anos (%)	10-12 anos (%)
Diretivo	96,8	100	100
Descoberta orientada	0	0	0
Solução de problemas	3,2	0	0

O terceiro objetivo específico foi verificar se e como os aspectos filosóficos do judô eram inseridos nas atividades das aulas. Observou-se que em duas aulas foi mencionado sobre os aspectos filosóficos do judô na turma da academia. Na primeira aula a conversa foi sobre a utilização exagerada da força nas lutas, então foi conversado sobre a primeira máxima do judô - *Seiryoku Zenyo*. A segunda aula foi conversado sobre o respeito com o oponente e a necessidade de treinar em duplas; embora não tenha sido mencionado, mas se refere a segunda máxima do judô – *Jita Kyoie* (benefício mútuo). Em quatro aulas foi conversado sobre os aspectos filosóficos do judô nas turmas da associação esportiva. Em duas dessas ocasiões foi para orientar os alunos sobre a utilização das técnicas do judô somente no dojô e não para brigar na rua. Em outra aula o professor pediu para que os alunos lessem as duas máximas do judô e após ele explicou o significado de cada uma. Na quarta aula foi conversado sobre o respeito dentro e fora do dojô, entre os colegas, familiares e na sociedade.

5. DISCUSSÃO

Todas as aulas de judô foram analisadas em três partes: aquecimento, parte principal e parte final. No aquecimento, observou-se que as atividades de corrida e quedas (*ukemis*) foram as que mais apareceram tanto na academia (turma de 6-13 anos) quanto na turma de 6-9 anos da associação esportiva. Na turma de 10-12 anos da associação esportiva as quedas (*ukemis*) e atividades de brincadeiras/jogos foram as mais frequentes.

A faixa etária das crianças analisadas nesse estudo está contida na fase de iniciação esportiva universal (6-12 anos) e fase de orientação (13-14 anos), conforme Greco e Benda (1998). Na fase iniciação universal recomenda-se atividades de refinamento das habilidades básicas. Os autores apresentam dois estágios, geral ou transitório (7 aos 10 anos), em que os alunos começam a combinar as habilidades básicas e o estágio das habilidades específicas (11 aos 13 anos), em que acontece o desenvolvimento dos aspectos físicos e cognitivos, que somados aos fatores culturais favorecem a criança entender as habilidades dentro dos esportes específicos. Dos 6 aos 12 anos desenvolve-se todas as capacidades motoras e coordenativas de uma forma geral, criando variações de movimentação principalmente no aspecto lúdico. A fase de orientação inicia por volta dos 11 anos até os 14 anos. É a fase de aperfeiçoamento dos movimentos técnicos e táticos dos esportes, e também aperfeiçoar as capacidades físicas.

Analisando a parte do aquecimento dos dois locais pesquisados podemos verificar que as atividades foram em sua maioria de preparação física e técnica. Na turma da academia e da associação esportiva (6-9 anos) aconteceram poucas brincadeiras que ressaltam o aspecto lúdico, um aspecto muito importante para as crianças de 6 aos 10 anos, como afirma Greco e Benda (1998). De acordo com Gondim (2012), nas aulas de judô para crianças é comum acontecer o aquecimento calistênico; preparação física para competições (melhora das capacidades físicas), conforme evidenciado também neste estudo. Nas aulas da turma de 10 a 12 anos da associação esportiva foi constatado que as brincadeiras e jogos estavam presentes nas aulas. Aspecto positivo, pois como aponta Gondim (2012), o aquecimento deve ser de forma lúdica (estratégia para quebrar tensões emocionais nas crianças). Isso

serve também para uma melhor socialização das crianças, visto que a maior parte da aula é praticada em duplas ou individualmente. Desta forma, as atividades lúdicas de aquecimento se tornam muito importantes para os alunos vivenciarem jogos e brincadeiras em grupo e terem uma melhor interação entre eles. Valentini e Petersen (2008) apontam a importância do desenvolvimento de um repertório motor variado na prática esportiva, sendo que as vivências das crianças em jogos e brincadeiras pode promover o desenvolvimento das mais variadas habilidades motoras fundamentais, capacidades cognitivas e sociais.

As técnicas de amortecimento de queda (*ukemis*) foram atividades citadas em todas as turmas. No judô, existem quedas com rolamento para frente, para trás e para o lado (ROBERT, 1976). O objetivo é amortecer a queda, batendo no tatame com o membro superior e a palma da mão. Ao bater o solo as vibrações recebidas são transmitidas para o solo (ARPIN, 1970). Para Cazzeto (2004), o conteúdo dos *ukemis* aparece de forma técnica como um importante aprendizado para a segurança do judoca. O mesmo autor relata que os jogos e brincadeiras que trabalhem o conteúdo dos *ukemis* podem contribuir como saída para trabalhar o problema e a solução, pois soluções prontas podem não ser significativas para as crianças.

Verificou-se ainda neste estudo que as atividades de aquecimento foram em sua maioria individuais nos dois locais pesquisados. Em poucas ocasiões ocorreram atividades em grupo. Segundo Teixeira (1999), o trabalho em grupo estimula o desenvolvimento do respeito pelas ideias de todos, criando situações que favorecem o desenvolvimento da sociabilidade, da cooperação e do respeito mútuo entre os alunos. A relação com o outro permite, portanto, um avanço maior na organização do pensamento do que se cada indivíduo estivesse só.

Com relação ao tempo das atividades de aquecimento não teve diferença entre as duas turmas da associação esportiva, ambas ficaram com média de 22 minutos de aquecimento para aulas de 1 hora. Na turma da academia o tempo ficou na média de 9 minutos, para aulas de 45 minutos. Cabe aqui discutir a semelhança no tempo do aquecimento nas duas turmas da associação esportiva, pois há uma diferença de idade e fase de iniciação esportiva entre as duas turmas. Foi constatado que não importa se o aluno tem 6 ou 12 anos o aquecimento é o mesmo, com relação ao tempo. Como professores de Educação Física é importante

organizar e sistematizar racionalmente a forma de tratar o conteúdo para os pequenos judocas, atentando sempre para o cumprimento dos mais diversos objetivos, e não visando apenas a competição (VILLAMÓN, 1999; OLIVIER, 2000; RUFFONI, 2004; RODRIGUEZ, 2006 apud GONDIM, 2012). Segundo Gondim (2012), o ensino do judô para crianças demanda um cuidado pedagógico condizente com a fase de iniciação esportiva dos alunos. Santos (2014) relata dois exemplos de aula para crianças de 6 a 8 anos, em que consta 10 minutos de aquecimento, 30 minutos na parte principal e 10 minutos na parte final.

Com relação à parte principal da aula o presente estudo encontrou como atividades mais trabalhadas na academia o randori (simulação de luta), entrada de técnica, assim como jogos e brincadeiras. Já na turma de 6 a 9 anos da associação esportiva as atividades de randori e técnicas de perna foram as mais frequentes. Na turma de 10 a 12 anos, o randori e técnicas de quadril foram as que mais apareceram. Como pode-se verificar, o randori é uma atividade frequente nas aulas dos dois locais, pois em praticamente todas as aulas há o momento em que os alunos realizam a atividade de combate. O randori é atividade que agrupa todo aprendizado técnico e tático e serve para verificar se os alunos conseguem aplicar o que aprenderam nas aulas em situação de luta (SANTOS, 2014). Um aspecto importante é que esta atividade é onde a competitividade é mais aguçada. Assim, cabe ao professor trabalhar esse aspecto com as crianças, com o intuito de minimizar a competitividade exagerada, assim como trabalhar aspectos ligados ao “vencer” e ao “perder”. Para isso, uma ferramenta que deveria ser utilizada é a aplicação dos princípios filosóficos do judô, como, por exemplo, a discussão do quinto princípio -“Nunca te orgulhes de haver vencido um adversário. Quem venceste hoje poderá derrotar-te amanhã. A única vitória que perdura é a que se conquista sobre a própria ignorância” ou do sexto - “O judoca não se aperfeiçoa para lutar, luta para se aperfeiçoar”.

Em relação à parte final da aula, foi constatado que o ritual da saudação final foi a atividade mais frequente nos dois locais pesquisados nesta parte da aula. Porém, nas aulas da turma da academia houve outras atividades, como corrida, alongamento e revisão do conteúdo da aula (apenas uma vez). As saudações fazem parte do ritual do início das aulas e do final, cujo objetivo é respeitar o mestre Jigoro Kano, sensei (professor), companheiros e o Dojô. Pode ser feita em pé (*ritsurei*) ou

ajoelhado (*zarei*) (SANTOS, 2009). Nas aulas da academia foram feitas em pé (*ritsurei*) e na associação esportiva ajoelhado (*zarei*). A saudação é um importante conteúdo para ser ensinado aos praticantes de judô, como aponta Santos (2006), no momento da saudação no início e no final da aula, em que o gesto de saudar ao mestre e ao professor (*sensei*) atende aos princípios do respeito e da humildade, atribui-se significados para a ação. Por outro lado, segundo a autora, é muito comum observar saudações sendo efetuadas mecanicamente, pois muitos praticantes/atletas não sabem nem o que se pronuncia em uma saudação e muito menos o sentido dessa em uma aula. As saudações foram feitas em todas as aulas de ambos os locais pesquisados, mas em nenhuma aula foi discutido ou conversado sobre os significados desta no judô. Desta forma, alguns alunos que iniciaram as atividades durante o tempo em que estávamos realizando a pesquisa, apenas repetiam os movimentos dos outros alunos, sem saber o que pronunciar e o significado do mesmo na aula de judô. No momento em que se inicia um aluno no judô, é importante ensiná-lo a fazer a saudação, explicando o que pronunciar e o seu significado. Assim, se torna um momento de aprendizado também para os alunos mais velhos, pois estes irão relembrar o conteúdo inerente à saudação.

Com relação aos métodos e estilos de ensino durante as aulas foi constatado que o método global foi o mais utilizado durante as aulas e o estilo de ensino foi o diretivo (comando). Segundo Costa e Nascimento (2004), a vantagem do método global em relação ao método parcial é que o envolvimento do aluno com as atividades proporciona um elevado nível de motivação. Os mesmos autores destacam uma crítica que se refere à liberdade excessiva, evidenciado no “deixar jogar” existente nas aulas de educação física que utilizam o método global. Para Weineck (1999) apud Costa e Nascimento (2004), o método de ensino parcial é utilizado na execução de movimentos complexos, sendo treinados em partes, que serão articuladas quando forem dominadas. Costa e Nascimento (2004) destacam que os exercícios repetitivos não estimulam a motivação dos participantes. De acordo com a literatura (GRECO; BENDA, 1998; GONDIM, 2012), na faixa etária dos alunos pesquisados não é interessante ensinar movimentos complexos para o ensino-aprendizagem das crianças. Desta forma, o método global utilizado pelos professores pesquisados é o mais indicado para usar nas aulas de judô para crianças de 6 a 9 anos. Para os alunos de 11-13 anos, o método parcial pode ser

inserido para iniciação de algumas técnicas mais complexas, porém apenas com correção de movimentos grosseiros, ainda sem especialização. Nos dois casos, aspectos de aprendizagem tática podem ser inseridos durante as aulas (COSTA; NASCIMENTO, 2004; GRECO; BENDA, 1998; GONDIM, 2012).

O estilo de ensino diretivo (comando) centrado na figura do professor foi praticamente o único utilizado nos dois locais pesquisados. A literatura nos apresenta que este estilo de ensino é presente em muitas aulas de artes marciais. Considerando estes estudos, Antunes e Moura (2010) objetivaram identificar os estilos de ensino de professores de wushu no Brasil. Os resultados apontaram uma prevalência do “estilo tarefa” demonstrando uma concepção mais fechada por parte dos professores. Gozzi e Ruete (2006) fizeram um estudo com o objetivo de identificar quais os estilos de ensino mais utilizados pelos professores nos segmentos não escolares da cidade de Campinas/SP. O estudo concluiu que independente da modalidade, o estilo mais utilizado foi o “estilo tarefa”, que se aproxima dos resultados alcançados por Mosston e Ashworth (1990) apud Resende e Rosas (2011) em aulas de Educação Física escolar. O estudo de Ruffoni (2004) corrobora com os achados de Bettman (1994), em que ambos relatam em suas pesquisas com o objetivo de analisar os estilos de ensino mais frequentes nas aulas de judô, que o estilo de ensino por comando é o mais frequente nas práticas deste esporte.

A figura do mestre é claramente responsável por toda formação do aprendiz, tanto formal como legalmente (DRIGO et al., 2011). De acordo com Freire *apud* Bettman (1994), o estilo de ensino diretivo é denominado como bancário, no qual o professor é quem tem o conhecimento e cabe ao aluno apenas aprender sem questionar. Ainda, de acordo com a autora, este estilo de ensino une características unilaterais e segue modelos fechados na forma de ensinar, em que vozes de comando levam o aluno a aprender, muitas vezes, por meio da pressão psicológica, do medo e da imposição autoritária por parte do professor. Por este modelo, o ensino torna-se tecnicista, a estratégia optada de ensino é a de repassar o modelo por imitação de gestos (analítico) demonstrados pelo professor de judô e reproduzidos sem nenhuma reflexão por parte do alunado. Essa mecanização do conhecimento leva a uma aprendizagem incompleta e acrítica por parte do aluno (GONDIM, 2012).

De acordo com os resultados do presente estudo, parece haver grande dificuldade dos professores em utilizar outro estilo de ensino nas aulas de judô. O estudo de Mendoza et al. (2011) dividiu três grupos utilizando em cada um deles um estilo de ensino diferente para iniciação do judô. Concluiu-se que o modelo descoberta guiada foi o modelo mais eficiente em termos de resultados de aprendizagem nos alunos da iniciação do judô. Nesse contexto, o processo de ensino do judô, segundo Drigo et al. (2011), é baseado no modelo das “escolas de ofício”, no qual os aprendizes judocas aprendem essencialmente fazendo (saber fazer); há uma imagem valorizada do mestre e; as atividades práticas são consideradas tão formativas do caráter quanto os estudos formais. Apesar do estilo de ensino ser centrado na figura do professor, por meio das observações não foi identificado no estudo à hierarquia exagerado dos professores, pois tinham uma relação muito amigável e horizontal com todos os alunos. O contato físico foi frequente entre o professor e os alunos em diversas ocasiões, tais como na demonstração técnicas, durante os questionamentos nas atividades, além de haver representações de carinho entre professor e aluno.

Analisando o terceiro objetivo do estudo, que foi verificar se e como os aspectos filosóficos do judô eram inseridos nas atividades das aulas. Foi constatado no estudo que em poucos momentos houve a utilização dos aspectos filosóficos. Observou-se que em duas aulas foi mencionado sobre os aspectos filosóficos do judô na turma da academia. Na primeira aula houve uma conversa sobre a utilização exagerada da força nas lutas, citando a primeira máxima do judô *Seiryoku-Zenyo* (melhor uso da energia). Porém, esta conversa foi rápida sem muita discussão. Para Santos (2006), a questão da utilização da força no judô é um tema polêmico. A mesma autora afirma que no judô atual não são utilizados os princípios filosóficos durante as aulas e nas competições. A utilização do *Seiryoku-Zenyo* implica na utilização da força de forma racional, tanto a sua quanto a do oponente (somatória de forças), isto é, o judô suave. Arpim (1970), ao se referir à utilização de força no judô, afirma que vencer o hábito de usar a força contra a força é uma das coisas mais difíceis do treinamento do judô, porém, se isso não ocorrer não se pode esperar progresso no esporte. Quando Santos (2006) reforça a ideia de se apresentar este princípio para o iniciante, inclusive utilizando a física básica para tal explicação, quer dizer que isso certamente facilitaria o entendimento do judô. Desta

forma, a utilização do *Seiryoku-Zenyo* poderia ser utilizada nas aulas com alguma aplicação no dojô e fora dele, do contrário é apenas uma frase bonita, sem contexto e utilização prática.

A segunda aula na academia teve uma conversa sobre o respeito com o oponente e a necessidade de treinar em duplas; embora não tenha sido mencionado, mas se refere à segunda máxima do judô – *Jita Kyoei* (benefício mútuo). Esta máxima, segundo Santos (2006), baseia-se no objetivo que Jigoro Kano defendeu em termos de disciplina, ou seja, aperfeiçoar a si mesmo e dar a contribuição positiva à sociedade. Nesta ocasião ficou claro que o professor estava se referindo da segunda máxima do judô, porém ele não conseguiu relacionar com a mesma. Verificamos aqui uma dificuldade do professor em explicar os aspectos filosóficos do judô e relacionar com ações práticas dentro do dojô e fora dele. Tamanha é a profundidade destas duas máximas, que elas deveriam ser trabalhadas, discutidas, aplicadas, reforçadas em todas as aulas (SANTOS, 2006).

Nas turmas da associação esportiva, foi conversado sobre os aspectos filosóficos do judô em quatro aulas. Em duas dessas ocasiões foi para orientar os alunos sobre a utilização das técnicas do judô somente no dojô e não para brigar na rua. Nesta ocasião não foi mencionado nenhum princípio ou máxima do judô. Mesmo que intrinsecamente os aspectos filosóficos estavam presentes na conversa, pois ao falar sobre a utilização das técnicas do judô somente no dojô, o professor se referiu ao quinto princípio do judô, “Nunca te orgulhes de haver vencido um adversário. Quem venceste hoje poderá derrotar-te amanhã. A única vitória que perdura é a que se conquista sobre a própria ignorância”. Ao utilizar as técnicas do judô em alguém que não sabe cair ou se defender é uma atitude errada, pois o mesmo que você derrotou hoje pode te derrotar amanhã.

Em outra aula o professor pediu para que os alunos lessem as duas máximas do judô e após ele explicou o significado de cada uma. É um aspecto positivo das aulas, pois o judô por si só, traz arraigado princípios e valores bastante positivos. Porém, como em qualquer outra atividade esportiva, o judô só contribuirá na formação moral de seus praticantes se o sensei (professor) estiver comprometido com os princípios e valores que originaram o desporto. Gondim (2012, p.7) enfatiza a importância e a dificuldade da utilização dos aspectos filosóficos do judô quando relata:

A filosofia deste esporte, que trata de algo muito importante, é deturpada, pois os princípios filosóficos da modalidade são colocados como vitrines para venda do judô como um produto, já que nesta perspectiva de nada servem para a prática do judô, pois os professores conduzem à prática sem ao menos terem o cuidado de contextualizar e explicar estes princípios, dificultando o entendimento desta “importante filosofia” que é um diferencial do Judô.

Na quarta aula na associação esportiva foi conversado sobre o respeito dentro e fora do dojô, entre os colegas, familiares e na sociedade. Nesta aula mesmo não sendo mencionado nenhum princípio ou máxima do judô, pode-se verificar que nela estão inseridos a segunda máxima *Jita-Kyoei* (benefício mútuo), e o oitavo princípio, “Saber cada dia um pouco mais, utilizando o saber para o bem. Esse é o caminho do verdadeiro judoca”. Assim, o ensino por meio do judô deve ser visto como uma forma de colaborar com a formação das pessoas, de maneira que o aluno se insira na sua sociedade como um bom cidadão. No estudo ficou claro que os aspectos filosóficos estavam presentes em algumas aulas nos dois locais de prática. Entretanto, os professores tiveram dificuldade de contextualizar corretamente as ações da luta ou do cotidiano com os princípios e máximas, implicando em dificuldades por parte dos alunos em compreender o real significado e aplicação da filosofia do judô.

Por fim, destaca-se que uma das limitações desse estudo foi a dificuldade de encontrar locais de prática de judô, em que fosse autorizados a realização da pesquisa. Além disso, não foi controlado o planejamento das aulas de judô nas duas instituições e nem a formação acadêmica do professor.

6. CONCLUSÕES

A partir dos objetivos do estudo, pode-se concluir que:

- os aspectos de estruturação das aulas foram semelhantes nos dois locais pesquisados, sendo a primeira parte da aula (aquecimento) destinada na maior parte das vezes para o treinamento das capacidades físicas e técnicas, além dos amortecimentos de quedas (*ukemis*). Com relação ao tempo do aquecimento não foi verificada diferença entre as turmas da associação esportiva apesar de serem compostas por alunos de diferentes faixas etárias e fase de iniciação esportiva. Constatou-se também que as atividades foram em sua maioria individuais. A parte principal da aula foi destinada ao treinamento técnico do judô, sendo o *randori* (simulação de luta) a atividade mais frequente em todas as aulas observadas nos dois locais. Na terceira parte da aula (parte final), a saudação final foi a atividade mais praticada nos dois locais, porém sem tematizar a importância e significado desta nas aulas de judô.
- com relação aos métodos e estilos de ensino, conclui-se que o método mais utilizado nas aulas dos dois locais de prática foi o global e o estilo de ensino foi o diretivo, centrado na figura do professor. Isso demonstrou a dificuldade dos professores de judô em utilizar outros estilos de ensino, centrados na figura do aluno (por exemplo, descoberta orientada e solução de problemas).
- os aspectos filosóficos do judô estiveram presentes em algumas aulas nos dois locais de prática, entretanto, os professores tiveram dificuldade de contextualizar corretamente com as ações da luta ou do cotidiano com os princípios e máximas, implicando em dificuldades por parte dos alunos em compreender o real significado e aplicação da filosofia do judô.

Por fim, acredita-se que as aulas de judô destinadas às crianças devem respeitar as fases e etapas de iniciação esportiva, privilegiando atividades com movimentos típicos da luta, principalmente com crianças de faixas etárias menores. Deve-se repensar a maneira do ensino-aprendizagem do judô para crianças, evitando a especialização precoce. Recomenda-se unir brincadeiras e jogos às técnicas, pois isso implicaria em pensar em novas formas de passar os conteúdos do judô. Desta forma, preconiza-se modelos menos diretivos e fechados de ensinar esta arte marcial, além de aplicar os conteúdos filosóficos durante as situações de

aula e do cotidiano das crianças. Sugere-se que novos estudos sejam realizados nessa temática, principalmente de intervenção, privilegiando modelos mais abertos de ensino-aprendizagem, centrados na figura do aluno e utilizando aspectos filosóficos do judô como temas frequentes das aulas.

7. REFERÊNCIAS

ADALBERTO, F. **Semelhanças entre o budismo e o cristianismo: contribuições Ecumênicas do Oriente para o Ocidente.** (2005) Monografia (Faculdade de Educação Teológica do Nordeste). FAETEN, Universidade do Vale do Acaraú, Maranguape, CE, 2005.

ANTUNES, M. M., MOURA, D. L. A identificação dos estilos de ensino dos *sensei* das artes marciais chinesas (wushu) no Brasil. **Pensar a prática**, v.13, n.3, p.1-18, 2010.

ARPIN, L. **Livro de judô.** Traduzido por Micheline Chistophe. Rio de Janeiro: Record, 1970. 174p.

BARBIERI, A. F., PORELLI, A. B. G., MELLO, R. A. Abordagens, Concepções e Perspectivas de Educação Física Quanto à Metodologia de Ensino nos Trabalhos Publicados na Revista Brasileira de Ciências do Esporte em 2009. **Motrivivência** v.20, n. 31, p. 223-240, 2008.

BETTMAN, Kátia. **Perfil da Prática pedagógica dos professores de Judô da cidade do Recife.** Monografia de Graduação, ESEF-UPE, 1994.

BREDA, M.; GALATTI, L.; SCAGLIA, A.J.; PAES, R.R. **Pedagogia do esporte aplicada às lutas.** São Paulo: Phorte, 2010.

CASADO, J.E.; VILLAMÓN, M. La utopía educativa de Jigoro Kano: el Judo Kodokan. **Recorde: Revista de História do Esporte**, v. 2, n. 1, 1-40, 2009.

COSTA, L. C. A. da, NASCIMENTO, J. V. do. O ensino da técnica e da tática: novas abordagens metodológicas. **Revista da Educação Física/UEM**, v.15, n.2, p.49-56, 2004.

CAZZETTO, F.F. **Ensaio Provisório sobre alguns aspectos relevantes para o entendimento tático do Judô tendo em vista a formação global do indivíduo.**

160 f. (Monografia). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2004.

CORREIA, W.R.; FRANCHINI, E. Produção acadêmica em lutas, artes marciais e esportes de combate. **Motriz**, v.16 n.1 p.1-9, 2010.

DA COSTA, L. **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: CONFEF,2006. Disponível em: <www.atlasesportebrasil.org.br/textos/360.pdf>. Acesso em: 13 Setembro. 2015.

DRIGO, A.J.; SOUZA NETO, S.; CESANA, J.; GOMES TOJAL, J.B.A. Artes marciais, formação profissional e escolas de ofício: análise documental do judô brasileiro. **Motricidade**, v. 7, n. 4, p. 49-62, 2011.

FRANCHINI, E.; DEL VECCHIO, F.B. **Ensino das lutas: reflexões e programas de propostas**. São Paulo: Scortecci, 2012.

FREITAS, F.M de C. **Judô: Crítica Radical**. Sergipe: Revista Motrivivência, n. 2, 1989.

GAARDER, J.; HELLERN, V.; NOTAKER, H. **O Livro das Religiões** (Tradução Isa Mara Lando). São Paulo: Schwarcz, 2011.

GONDIM, D. F. **Aspectos metodológicos aplicados ao ensino do judô para crianças**. (Monografia). Universidade de Pernambuco – UPE, 2012. Disponível em: http://www.lnj.com.br/monografia_denis_2012pdf.pdf.

GOZZI, M. C. T. RUETE, H. M. Identificando estilos de ensino em aulas de Educação Física em segmentos não escolares. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 5, n. 1, p. 117-134, 2006.

GRECO, P.J.; BENDA, R.N. **Iniciação esportiva universal 1: da aprendizagem motora ao treinamento técnico**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

GRECO, P.J.; SILVA, S.A. A metodologia de ensino dos esportes no marco do programa segundo tempo. In: OLIVEIRA; A.A.B; PERIM, G.L. **Fundamentos pedagógicos para o Programa Segundo Tempo: 1º Ciclo Nacional de**

Capacitação dos Coordenadores de Núcleo 2008. Brasília: Ministério dos Esportes; Porto Alegre: UFRGS, 2008, p.81-112.

KISHIKAWA, J.S.H. **Pensamentos de um samurai moderno**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2004.

KANO, J. **Energia mental e física: escritos do fundador do judô** (Tradução BULL, W). São Paulo: Pensamento, 2008.

MALHOTRA, N.K. **Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

MENDOZA, J. M. Á., RAMIREZ, F. A., CALVO, X. D., SOLER, E. I., LIMA, B. Q. Modelos de enseñanza em la iniciación deportiva y el deporte escolar. Estudio comparativo em Judô. **Apunts Educación Física y Deportes**, n. 104, p. 85-89, 2011.

MOURA, D. L. A Educação Física Escolar e os estilos de ensino: uma análise de duas escolas do Rio de Janeiro. **Lecturas Educación Física y Deportes**, ano 14, n. 137, 2009.

OLIVIER, J.C. **Das brigas aos jogos com regras**: enfrentando a indisciplina na escola. Artmed, Porto Alegre, 2000.

PIAZZA, W. **Religiões da Humanidade**. São Paulo: Loyola, 1991.

RESENDE, H. G.; ROSAS, A. S. Metodologias de ensino em educação física: os estilos de ensino segundo Mosston e Ashworth. In: FERREIRA, E.L. (Org.). **Atividades físicas inclusivas para pessoas com deficiência**. 1 ed. Mogi das Cruzes: CBDCCR, 2011, v. 1, p. 101-196.

ROBERT, L. **O Judô**. 7.ed. Lisboa: Editora Notícias, 1976.

RUFINO, L. G. B.; DARIDO, S. C. Capacitação pedagógica: uma construção significativa para o aluno de graduação. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v.26, n.2, p.283-300, 2012.

RUFFONI, R. **Análise Metodológica na Prática do Judô**. (Dissertação). Mestrado em Educação Física. Universidade Castelo Branco, 2004.

SANTOS, S.G. dos; FIORESE, U.O.C. Estudo sobre a aplicação dos princípios judoísticos na aprendizagem do judô. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 1, n. 2, p.11-14, 1990.

SANTOS, S.G. Judô: onde está o caminho suave? **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**, v. 8, n. 1, p. 114-119, 2006.

SANTOS, S. G. dos. **Judô: Buscando o caminho suave**. Florianópolis: editora UFSC, 2009.

SANTOS, S.G. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Quantitativa Aplicada à Educação Física**. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2011.

SANTOS, S. G. dos. **Judô: Filosofia aplicada**. Florianópolis: editora Duplic, 2014.

SARKIS, G. **A contribuição da filosofia do Judô no desenvolvimento moral do praticante**. (Monografia). Graduação em Educação Física. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

SILVA, D.; SANTOS. S.G. Princípios filosóficos do judô aplicado à prática e ao cotidiano. **Lecturas Educación Física y Deportes**, ano 10, n. 86, 2005.

TEIXEIRA, C. F. **Compreensão, criação e resolução de problemas de estrutura multiplicativa: uma sequência didática com problemas “abertos”**. (Monografia). Recife: UFPE / Curso de especialização em ensino de pré a 4ª série, 1999.

TENROLLER C. A., MERINO E. **Métodos e planos para o ensino dos esportes**. Canoas: ULBRA, 2006.

VALENTINI, N.C.; PETERSEN, R.D.S. Aquisição e desenvolvimento de habilidades esportivas considerações para a prática. In: OLIVEIRA; A.A.B; PERIM, G.L. **Fundamentos pedagógicos para o Programa Segundo Tempo: 1º Ciclo Nacional de Capacitação dos Coordenadores de Núcleo 2008**. Brasília: Ministério dos Esportes; Porto Alegre: UFRGS, 2008, p.67-80.

VIRGÍLIO, S. **A arte do Judô**. Porto Alegre: 3. ed. Editora Rígel, 1994.

WATSON, B. N. **Memórias de Jigoro Kano: o início da história de Judô**. São Paulo: Cultrix, 2011.

XAVIER, T. P. **Métodos de ensino em Educação Física**. São Paulo: Manole, 1986.

